

Extensão no parque: o desenvolvimento da parceria entre o Grupo de Estudos e Pesquisa das Infâncias e a ONG Alimentar

SOL ANDRADE¹; **VITOR SAQUETE RODRIGUES**²; **HARDALLA SANTOS DO VALLE**³

¹*Universidade Federal de Pelotas – andradecontatorenata@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – vitorsaquete@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – hardalladovalle@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos e Pesquisas das Infâncias (GEPI), realiza pesquisas em contextos plurais de educação, utilizando a escuta ativa para estudar sobre e com as distintas infâncias. A Líder/CNPq do grupo é a Prof.^a Dr.^a Hardalla do Valle, que é vinculada a Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande (FaE/UFPEL). Os discentes que compõem o GEPI são estudantes do curso de Pedagogia da UFPEL.

A escrita deste trabalho tem por objetivo apresentar ações e percepções do GEPI em relação ao trabalho extensionista que efetuou em parceria com a Organização Não Governamental Alimentar, da cidade de Pelotas-RS. Essa ONG, tem o propósito assistencialista de amparar, de forma voluntária e solidária, uma parcela da população em situação de vulnerabilidade. Os movimentos extensionistas do GEPI realizados em parceria à ONG Alimentar ocorrem no Parque Dom Antônio Zattera, aos domingos. Enquanto as famílias recebem almoço da ONG, o GEPI trabalha exclusivamente com as crianças dessas famílias.

2. METODOLOGIA

As práticas extensionistas do GEPI, ocorrem com base na organização prévia e estudos direcionados. Entre esses, podemos mencionar: Severino (2013), que fala sobre o ambiente acadêmico, buscando introduzi-lo como forma de compreender os movimentos extensionistas, Corsaro (2011) que aborda a compreensão da criança como sujeito e Bronfenbrenner (2011) destacando a forma como o ambiente influencia no processo de desenvolvimento e aprendizagem, são utilizados. A partir disso, cria-se um movimento de escuta e diálogo, dando espaço, voz e disponibilizando um ambiente de conforto e acolhimento para que estas crianças possam se expressar. Assim como Bronfenbrenner, o GEPI acredita que as crianças experienciam e são capazes de expressar os seus sentimentos. Logo, o planejamento das ações surge também a partir das crianças e não somente do que desejamos apresentar para elas:

A experiência pertence à esfera subjetiva dos sentimentos: por exemplo, antecipações, pressentimentos, esperanças, dúvidas ou crenças pessoais. Esses sentimentos surgem também nos primeiros meses de vida, continuando ao longo da vida, sendo caracterizados por estabilidade e mudança. Eles podem ser relacionados ao self ou aos outros e especialmente com a família, os amigos e as pessoas próximas. Podem também ser vinculados a atividades nas quais o indivíduo se engaje: por exemplo, aquelas que ele gosta mais ou menos de fazer. A

característica mais distintiva das qualidades experenciais, no entanto, é que elas são “carregadas emocional e motivacionalmente”, englobando amor e ódio, alegria e tristeza, curiosidade e tédio, desejo e repulsa, costumeiramente, com ambas as polaridades existentes ao mesmo tempo, mas geralmente em graus diferentes. Uma quantidade significativa de pesquisas indica que a coexistência dessas forças subjetivas positivas e negativas envolvendo o passado pode também contribuir de maneira poderosa para modelar a direção do desenvolvimento humano no futuro (Bronfenbrenner, 2011, p.45)

Observar as demandas apresentadas pelos contextos é algo essencial para o preparo de atividades e movimentos extensionistas ao GEPI, pois é a partir do que a criança nos apresenta em seu modo de brincar, em sua fala destemida ou em sua pergunta que são escolhidos os temas que serão estudados futuramente. Corsaro (2011, p. 18) diz que:

É comum que os adultos vejam as crianças de forma prospectiva, isto é, em uma perspectiva do que se tornarão – futuros adultos, com um lugar na ordem social e as contribuições que a ela darão. Raramente as crianças são vistas de uma forma que contemple o que são – crianças com vidas em andamento, necessidades e desejos.

Por consequência que, sempre, após essas vivências atentas e antes de qualquer próximo movimento, são feitas reuniões online ou presenciais com utilização de algum ou alguns textos base para maior embasamento teórico nas ações, assim como, após esse estudo teórico, são dispostas ideias de atividades a serem trabalhadas, retomando o que foi trazido pelas crianças, conversando, diante disso, sobre formas, abordagens e os objetivos daquela prática que encontra-se em desenvolvimento.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Das ações desenvolvidas, a primeira foi a *criação de brinquedos com elementos recicláveis e naturais*, com a contribuição das professoras Caroline Terra (FaE/UFPel) e Lilian Lorenzato (FaE/UFPel). As crianças criaram máscaras, instrumentos, bonecos, entre outros materiais utilizando aquilo que o grupo levou para eles. Após esse primeiro movimento, foi percebido a demanda de se trabalhar com a higiene bucal. O grupo se separou em funções, para que fossem produzidos materiais, fantoches, um palco e a adaptação da história que seria contada: Balas, Bombons e Caramelos, de Ana Maria Machado (1998). Partindo deste, percebeu-se a demanda de introduzir, posteriormente, um brincar livre, em que foi ressaltada principalmente a escuta ativa e individual, realizando diálogos fluidos com as crianças, para que respondessem conforme se sentissem confortáveis. A escuta em grupo, nesse momento, também foi trabalhada, por meio de uma atividade de narrativa e criação de histórias, cada criança deveria puxar uma cartinha e integrá-la na história que se construía em conjunto com o grande grupo. Notou-se, após essa prática, a necessidade de se conversar e trabalhar questões étnico-raciais, por isso, em consequência, foram arrecadadas bonecas pretas para doá-las à ONG e aumentar o repertório de brinquedos, utilizando também desta movimentação para buscar compreender a opinião destas crianças sobre as bonecas. Dando continuidade à essa ação, foi realizada uma oficina de bonecas Abayomi, com a cantora e produtora cultural Êmily

Passarinho, onde a mesma ensinava as crianças e o GEPI a produzir as bonecas africanas enquanto contava a história originária daquele brinquedo, que também era um artefato cultural e histórico.

O grupo também tem se mobilizado para realização de novos movimentos, dessa vez com maior foco no estudo direcionado aos bebês que integram a comunidade, realizando estudos direcionados às abordagens de Reggio Emilia e Emmi Pikler para confecção e criação de um espaço de autonomia, onde possa ser valorizado o brincar livre diante da narrativa criada pela própria criança, visando sua autonomia e percepção dos recursos disponibilizados. Com isso, percebe-se impactos não só nas crianças da ONG, que vêm desenvolvendo grandes diálogos e percepções pós ações, mas também um grande impacto no GEPI, como grupo, de reconhecer e estar desenvolvendo atividades com diferentes infâncias.

4. CONSIDERAÇÕES

A escuta ativa e a observação constante e atenta são fatores que fazem enxergar as crianças a partir de um interesse genuíno por seus pensamentos, seus sentimentos, suas ações e suas perspectivas de mundo, faz com que haja uma compreensão maior sobre suas emoções e necessidades, traz a certeza de que ninguém é superior, só temos diferentes vivências. E é nisso que, como grupo, o GEPI acredita, que as crianças também têm o que ensinar, pois não são uma tábula rasa, todos estamos aqui, independentemente da idade, com uma bagagem histórica que vale a pena ser ouvida, analisada e cuidada. Percebe-se a importância do GEPI para trajetória de formação, pois dentro do grupo e de seus projetos, consegue-se ter um contato maior com a realidade das diferentes infâncias existentes, em forma de extensão, assim como a aproximação com a academia, em forma de pesquisa, e traz o ensino, de inúmeras maneiras não formais. O trabalho unificado entre a ONG Alimentar e o GEPI proporciona caminhos bonitos que, com certeza, podem se tornar parte do discente e do que o próprio almeja para o presente-futuro da nossa educação, afinal, questionamentos perpassam por entre nós, não só os sonhos que temos como educadores, mas o pensamento contínuo das diferentes infâncias, das nossas próprias heranças, e, com isso, o que permanecerá e o que se dissipará entre os que virão e os que já estão aqui trilhando sua jornada inicial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRONFENBRENNER, Uri. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos.** Porto Alegre: Artmed, 2011. 310 p. ISBN 9788536326153.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384 p. ISBN 9788536325422.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez editora, 2013. ISBN 978-85-249-2081-3.